



Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Pecuária

www.ufpel.edu.br/nupeec



Cuidados com os Cascos dos Ovinos

Pedro Augusto Silva Silveira – Graduando em Medicina Veterinária

Gunter Silva da Cunha – Graduando em Medicina Veterinária

Marcelo Moreira Antunes – Graduando em Medicina Veterinária

Thiago Luis Rockembach – Graduando em Medicina Veterinária

Liziane Lemos Vianna – Mestranda em Veterinária

Ivan Bianchi – Professor de Reprodução Animal

Pelotas, agosto de 2010

Quando o animal é retirado de sua zona de conforto modificando as suas condições naturais de vida cria-se um desafio a sua capacidade de adaptação, às condições adversas de ambiente, clima, alimentação e manejo, o que pode ocasionar o aparecimento de doenças e prejuízos econômicos. Dentre estes problemas, a claudicação é frequentemente observada e as afecções de casco são a causa mais corriqueira, com prevalência entre 10 e 19%. Com a capacidade de locomoção prejudicada o animal terá dificuldades em procurar alimento, perdendo peso, escore de condição corporal e reduzindo a eficiência reprodutiva.

Dentre os vários fatores que interferem na saúde dos cascos dos ovinos, o local de criação é um dos principais. Solos úmidos e lamacentos reduzem a resistência dos tecidos podais, aumentando a ocorrência das doenças, por isso deve-se ter mais atenção nos períodos chuvosos e quentes. Além disso, pisos irregulares e pastos grosseiros também podem trazer prejuízos. No entanto, em locais encharcados e com pasto macio o desgaste natural dos cascos é menor, o que pode levar a um crescimento exagerado destes, mesma situação que ocorre em caso de laminite ou de práticas de alimentação intensiva destinadas ao aumento da produção.

Visando controlar o crescimento incorreto, é necessário que os cascos dos ovinos sejam aparados com frequência entre seis semanas a dois meses. Para isso a correta contenção do animal é muito importante, podendo ser feita com ele em pé, sentado sobre o seu traseiro ou em um brete. Antes do casqueamento a unha e a sola devem ser limpas para que as irregularidades e imperfeições, tanto de crescimento como dos tecidos do casco, sejam visualizadas. A parede externa e a parede interna do casco devem ser cortadas de maneira que a distribuição do peso e das formas anatômicas fiquem equilibradas, devendo a externa ser um pouco mais longa que outras estruturas. Muitas vezes a parede externa cresce em direção a parte interna, facilitando o acúmulo de conteúdo e crescimento de patógenos, ou a parede interna cresce voltada para a fenda interdigital, provocando lesão nesta região. Nestes casos o operador deve cortar o encurvamento da unha, reduzindo o excesso.

Em relação à nutrição, um programa de alimentação bem balanceado com o fornecimento de sal mineral, sem excessos de alimentos energéticos ou protéicos é muito importante. O consumo de grandes quantidades de concentrado com alto teor energético,

associado com uma reduzida ingestão de fibras, altera a função ruminal, resultando em prejuízo à sanidade dos cascos. Se o fornecimento de concentrado for feito em separado, este deve ser dividido em duas ou mais vezes ao dia. As forrageiras devem representar mais de 30 a 50% da ração, podendo ser adicionadas substâncias tamponantes a dietas com elevado teor de concentrado ou com forrageiras novas e viçosas, pois este tipo de alimentação prejudica a fermentação ruminal, podendo ocasionar distúrbios digestivos e circulatórios com comprometimento sistêmico da saúde do animal, podendo aparecer alterações de casco, como ocorre na laminite.

Algumas vitaminas também interferem na integridade dos cascos, sendo necessário teores adequados de vitaminas A e E, bem como de beta-caroteno na dieta, pois estes nutrientes influenciam a replicação celular, o reparo tecidual e a função imune. Em relação aos minerais, o cálcio é o que aparece em maior quantidade nos cascos, sendo fundamental para sua formação. Ele deve estar presente em uma concentração de 0,6 a 0,8% da dieta, com proporção cálcio: fósforo entre 1:1 e 1:2. Dentre os micronutrientes o zinco, cobre e em menor grau o molibdênio e manganês são os mais importantes. Todos estes nutrientes podem ser suplementados à dieta de rebanhos onde existam problemas de casco.

A utilização de pedilúvio tem sido uma alternativa no tratamento e prevenção de doenças infecciosas e contagiosas dos cascos. Sulfato de cobre (5%), sulfato de zinco (10%) e formalina (5%) têm sido utilizados com eficácia similar. O sulfato de zinco é preferido por ser menos nocivo que a formalina, não manchar a lã e apresentar menor risco de intoxicação que o sulfato de cobre. Os animais devem passar pelo pedilúvio e em seguida serem mantidos em local seco por algumas horas. Outro detalhe importante é que períodos de exposição mais longos (1 h) podem ser mais efetivos que imersões breves (5 min), mesmo que em intervalos de 10 dias. Além disso, os animais infectados devem ser separados dos sadios e os lotes devem ir para pastagens limpas, da mesma forma que animais novos devem ser observados em quarentena em poteiros separados dos demais. O pedilúvio pode ser realizado em todo o rebanho de forma preventiva, uma a duas vezes por ano, e o casqueamento prévio melhora de forma significativa sua eficácia.

Diante disto, todos estes fatores devem ser conhecidos e levados em consideração por produtores e técnicos da área antes de qualquer tomada de decisão. Caso contrário,

alterações ambientais, nutricionais e de manejo, visando intensificar a produção, podem desencadear problemas sanitários, reduzindo a produção de carne, lã ou leite ovino, levando o ovinocultor ao prejuízo econômico, que em muitas vezes, inviabiliza a atividade.